

# A EVOLUÇÃO DA ESCRITA DA PEDRA E DA BARRA DE ARGILA AO COMPUTADOR



## A ESCRITA EMBRIONÁRIA, SEM VERBOS OU PREPOSIÇÕES

Todas as formas de inscrição gráfica se originaram da necessidade humana de se comunicar e se exprimir. As mais antigas experiências conhecidas datam de 30000 a.C. Estampas e pinturas em cavernas —pinturas rupestres—, pedras e pequenos objetos foram precursores ou embriões da escrita. Pesquisadores afirmam que até hoje não existem provas concretas de ter sido utilizado algum sistema completo de escrita antes do século 49 a.C.. As mais antigas formas de escrita embrionária apresentavam figuras esquemáticas de animais, modelos geométricos e objetos de variados tipos. Foram encontradas no nordeste da Espanha, sudoeste da França, parte oriental do Mediterrâneo, norte da Europa e norte da África. Não eram apenas formas de expressão, comunicação ou decoração. Provavelmente ligavam-se à magia e a práticas rituais. Primeiras tentativas de materializar sons, sensações, idéias e desejos. Animais pintados podiam significar ritos para boas caçadas. Escrita desenhada talvez não trouxesse sentenças inteiras. Comparando com a escrita atual, devia trazer nomes. Faltavam verbos, advérbios e preposições.

## A ESCRITA EM BARRO

Na mão do escriba, a vareta lisa riscava o tablete de argila úmido. Pequenos sinais deixando traçado em forma de cunha. Depois de terminada a carta, caderno ou documento, era preciso deixar secar. O sistema de escrita cuneiforme (a palavra vem do latim *cuneos*, que quer dizer justamente cunha) é, ao que tudo indica, o mais antigo do mundo. Nasceu no sul da Mesopotâmia, entre os sumérios, por volta de 4000 a.C. Tablettes e fragmentos dessa época foram encontrados em Uruk (atual, Warka, sul do Iraque) e o sistema todo era constituído por mais de 700 sinais. Cada símbolo reproduzia um ou mais objetos concretos, designando uma palavra com significado idêntico, ou pelo menos intimamente relacionado ao objeto representado. Tempos depois, os sinais passaram a representar sílabas, reduzindo a escrita a algumas dezenas de caracteres. É provável que a escrita cuneiforme não tenha sido utilizada a penas por um único povo, ou para escrever um só idioma. No século 20 a.C. era comum em todo o Oriente Próximo, usada por povos de línguas distintas, como sumérios, semitas, assírios e babilônios. Existem referências de que ela teria sido utilizada até o primeiro século de nossa era.

## A ESCRITA DIVINA

A palavra é grega. *Hieróglifos* provém de “hieros”, sagrado, e de “gluphein”, gravar. Gregos a consideravam como uma “gravura do sagrado”. Tinha razão. Eram “palavras de deus” para os egípcios, reveladas por Thot, deus escriba. Surgido por volta de 3306 a.C., seus símbolos podem ter representado concertos ou palavras completas, desenhos significando o objeto que aparentava. A imagem da coruja representava a si mesma; um círculo, o sol. O que não pudesse ser visualizado não tinha como ser representado. Depois determinavam idéias. O círculo também simbolizava a deusa ou Rá, de us-sol. Eram ideogramas. Mais adiante indicavam valores fonéticos. Coruja representava som equivalente ao “m”, serpente ao “j”. Usavam símbolos fonéticos com ideogramas. Com o papiro, a escrita antes restrita a sacerdotes e escribas, começa a ser utilizada para assuntos comerciais e privados. Por volta de 2900 a.C., desenvolveu-se o estilo hierático unido hieróglifos, como na caligrafia cursiva. Posteriormente simplificado pelo sistema demótico. Nos séculos 29 e 39 os hieróglifos chegam ao fim, substituídos pela escrita copta, expressão mais recente da língua do Egito Antigo.



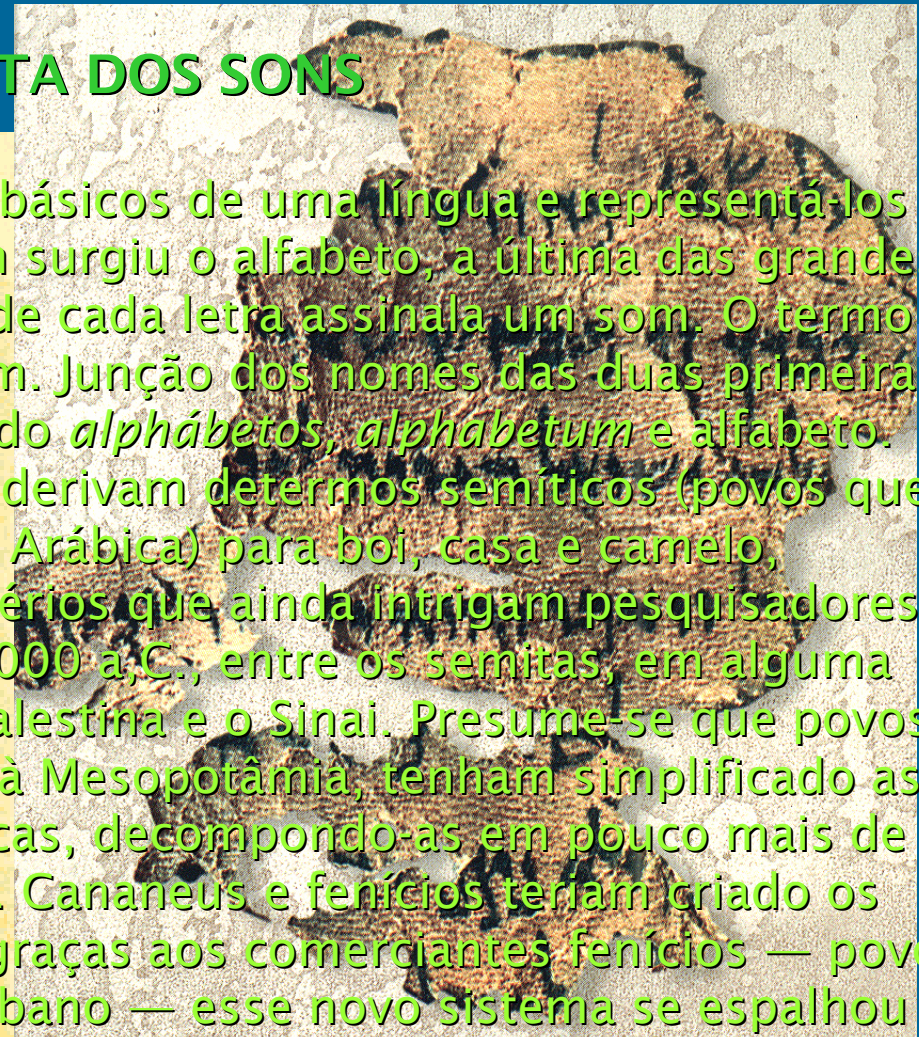
# AS ESCRITAS VENERÁVEIS



Um dos mais antigos sistemas de escrita, até hoje não decifrado, é o do Vale do Rio Indo, junto a Paquistão e Índia, Surgida entre 2560 e 1800 a.C., essa escrita aparecia em pequenas pedras esculpidas com inscrições em sua parte superior. O texto era lido da direita para a esquerda. Alguns símbolos são evidentes, desenhos de roda ou peixe. Outros são formas abstratas. Escribas usavam aproximadamente 300 desses signos. Mas a língua do Indo perdeu-se na Antiguidade e nenhum desses caracteres corresponde aos usados pelos egípcios ou sumérios, apesar de estudiosos identificarem proximidades com palavras da língua dravídica da Índia atual. Na China está a única remanescente de todas as escritas ideográficas em que palavras são escritas por meio de um desenho distinto. Surgida por volta do segundo milênio antes de Cristo, não sofreu mudanças estruturais durante todo esse tempo. São dezenas de milhares de sinais ideográficos. Há modernos dicionários chineses com mais de 40 mil palavras. Mas os caracteres mais utilizados não passam de 4 ou 5 mil.

## A ESCRITA DOS SONS

Chegar aos sons mais simples e básicos de uma língua e representá-los por meio de sinais gráficos. Assim surgiu o alfabeto, a última das grandes formas de escrita a aparecer, onde cada letra assinala um som. O termo vem do grego, passando pelo latim. Junção dos nomes das duas primeiras letras gregas, alfa e beta, gerando *alphábetos*, *alphabetum* e alfabeto. Essas duas letras, além de gama, derivam de termos semíticos (povos que se originaram na Península Arábica) para boi, casa e camelo, respectivamente. Envolto em mistérios que ainda intrigam pesquisadores, o alfabeto surgiu por volta de 2000 a.C., entre os semitas, em alguma parte do território entre a Síria, Palestina e o Sinai. Presume-se que povos desta região, próxima ao Egito e à Mesopotâmia, tenham simplificado as escritas cuneiformes e hieroglíficas, decompondo-as em pouco mais de vinte sons e sinais elementares. Cananeus e fenícios teriam criado os primeiros alfabetos. Sabe-se que graças aos comerciantes fenícios — povo que viveu onde hoje se acha o Líbano — esse novo sistema se espalhou por todo o mundo antigo. Com o alfabeto fenício, escreveram-se o aramaico antigo, hebreu antigo, moabita e púnico. Também inspirou o alfabeto grego, como provam os nomes de suas letras, gerando todos os alfabetos ocidentais.



## *A ESCRITA QUE DOMINA O MUNDO*

Foi pelo contato com os fenícios que os gregos aprenderam o manejo de sinais gráficos. Incorporaram e adaptaram o alfabeto criado por aquele povo. As adaptações e seus frutos se multiplicaram, surgindo vários tipos de alfabetos gregos, já que aquela civilização espalhava-se pelo continente, ilhas e colônias em cidades-estado autônomas. No século 49 a.C. o alfabeto grego assumiu moldes quase definitivos. Deu origem, direta ou indiretamente, a todas as escritas alfabéticas da Europa.

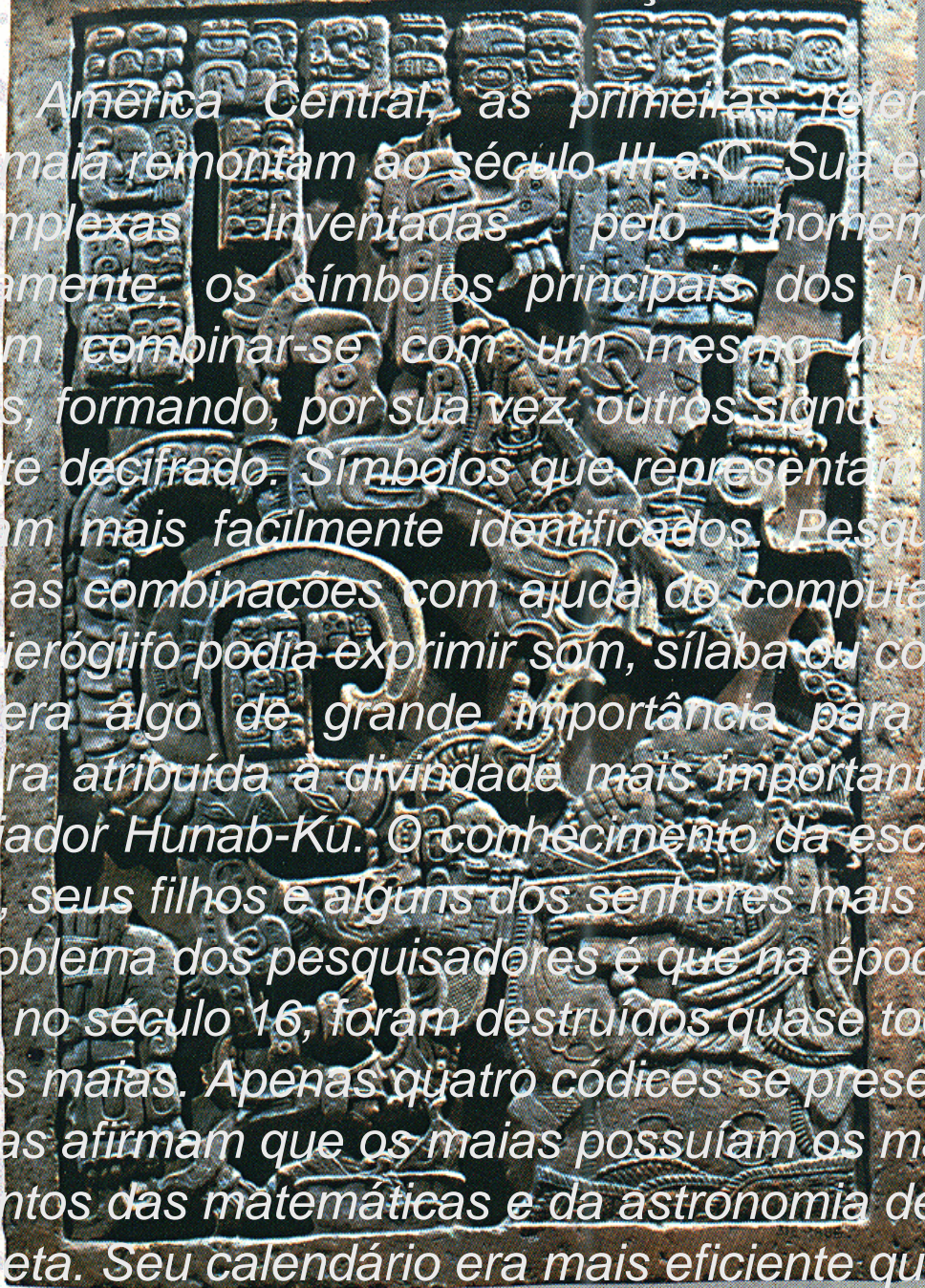
Foram os gregos que, pela primeira vez na história da escrita, escreveram as vogais claramente. Também inverteram o sentido da escrita, que passou a ser orientada da esquerda para a direita e de cima para baixo. Na Península Itálica, antes da dominação romana, existiam variados idiomas e dialetos. Foi pelas colônias helênicas no sul da península que o alfabeto grego adaptou-se às línguas locais. Entre elas a etrusca (povo da costa mediterrânea), que originou o alfabeto latino, e se difundiu na mesma velocidade com que os exércitos romanos tomavam a península. Este alfabeto continuou a sofrer outras adaptações de sua principal matriz, o alfabeto grego. Do século I a.C. em diante, a história do alfabeto latino resumiu-se às adaptações a várias línguas das regiões conquistadas, transformando-se no alfabeto dominante no mundo ocidental.

## O ALFABETO OCIDENTAL

Todas as letras que compõem o alfabeto ocidental tiveram por base os alfabetos grego, etrusco (povo que viveu na costa ocidental da Itália até o Golfo de Nápoles e que antecedeu os romanos) e latino. Os atuais *A, B, E, F, H, I, K, M, N, O, Q, S, T, V, X* sofreram poucas ou quase nenhuma modificação. Mantêm praticamente a mesma forma do alfabeto calcidiano— variedade aperfeiçoada do alfabeto grego—e do alfabeto latino. A letra gama ( $\Gamma$ ) virou *C*. Depois recebeu traço a mais, nascendo o *G*. O delta ( $\Delta$ ), escrito de lado ( $>$ ) e arredondado pelos latinos, virou *D*. O lambda ( $\Lambda$ ) colocado de lado e também arredondado ( $<$ ) gerou o *L*. O Pé uma forma modificada da letra pi ( $\pi$ ). *R* é a letra ro (*P*), que tinha forma do *P*, e que ganhou traço oblíquo. As outras letras gregas upsilon ( $\Upsilon$ ) e dzeta ( $\Zeta$ ) não eram usadas pelos romanos, sendo acrescentadas posteriormente, por eles mesmos, para facilitar a tradução de palavras gregas para o latim. Séculos depois, na Europa, surgiram *J* e *U*, desdobramentos do *I* e do *V*. Foram quase mil anos de transformações, da chegada do alfabeto fenício à Grécia (século IX a.C.) até a conquista da mesma Grécia pelos romanos (século I a.C.).

## A ESCRITA DE COMBINAÇÕES INVENTADAS

Fixada na América Central, as primeiras referências sobre a civilização maia remontam ao século III a.C. Sua escrita é uma das mais complexas inventadas pelo homem. São 350, aproximadamente, os símbolos principais dos hieróglifos maias. Eles podem combinar-se com um mesmo número de signos secundários, formando, por sua vez, outros signos. Esse sistema foi parcialmente decifrado. Símbolos que representam números, dias e meses foram mais facilmente identificados. Pesquisadores russos estudaram as combinações com ajuda do computador. Concluíram que cada hieróglifo podia exprimir som, sílaba ou conceito. A escrita era algo de grande importância para os maias. Sua invenção era atribuída à divindade mais importante, Itzamná, filho do deus criador Hunab-Ku. O conhecimento da escrita limitava-se a sacerdotes, seus filhos e alguns dos senhores mais importantes. O maior problema dos pesquisadores é que na época da invasão espanhola, no século 16, foram destruídos quase todos os documentos maias. Apenas quatro códices se preservaram. Especialistas afirmam que os maias possuíam os maiores conhecimentos das matemáticas e da astronomia de seu tempo em todo o planeta. Seu calendário era mais eficiente que o de qualquer



## A ESCRITA BELA E DOLORIDA

De maneira geral, na Alta Idade Média européia, aproximadamente do século V ao XII, os monges eram os únicos que sabiam ler e, principalmente, escrever. Por causa deles, boa parte da experiência humana ocidental chegou até nós em antigos livros manuscritos em pergaminho, os códices. A atividade não era simples. Copistas permaneciam horas escrevendo sobre os joelhos, pranchas ou mesas. Usavam caniço (vareta muito fina) ou pena. Um exemplar da Bíblia levava um ano para ser copiado. Livros de autores romanos, como Cícero ou Sêneca, custavam caro no século IX. Eram trocados por um rebanho de carneiros, na proporção de uma cabeça por quatro fólhos (folhas escritas dos dois lados). No tempo do imperador Carlos Magno (742 —814), monges deixaram mais de 8 mil manuscritos. Em muitos deles encontram-se notas com queixas do frio, da hora da refeição que tarda, da tinta que congela. É dessa época o relato de um monge francês sobre o ofício: “Embaralha a vista, causa corcunda, encurva o peito e o ventre, dá dor nos rins. E uma rude provação para todo o corpo”. Por fim, exige: “Assim, leitor, vire delicadamente as páginas e não ponha os dedos sobre as letras”.



## A ESCRITA QUE PRESERVA

Em 1999, uma enquete mundial entre intelectuais e cientistas apontou o livro como a invenção da era. Instrumento fundamental de preservação e divulgação de todo conhecimento, desde primórdios o livro teve formatos adaptados ao uso que pretendiam lhe dar, variando conforme materiais que se tinha à disposição. Na Mesopotâmia, além de tabletes de argila avulsos com textos em seqüência, há referências de tabuletas em série presas umas às outras. No Egito tinham forma de rolos de papiro. Na China eram tábuas de madeira, depois substituídas pela seda, até surgir o papel no século II. Gregos e romanos também usaram papiro, depois pergaminhos.

Por volta do século I, surgiu o formato mais conhecido do livro, o códice, feixe de páginas quadrangulares encadernadas. Mais práticas, não era preciso desenrolar o papiro para localizar trecho escrito. Com o pergaminho, surgido por volta do século II, ficou mais fácil confeccionar códices, já que folhas de papiros eram quebradiças demais para serem dobradas. No século XV, a imprensa provocou uma revolução, multiplicando produção e acesso. Hoje, com o livro eletrônico, uma nova transformação se anuncia e o prazer tátil das páginas de papel começa a sofrer concorrência do “mouse” e da tela do computador.

## A ESCRITA REVOLUCIONÁRIA

No século XI, o alquimista Pi Sheng esculpiu, em cubos de madeira, tipos móveis com ideogramas do alfabeto chinês para aplicá-los com tinta sobre papel. O invento não prosperou, a quantidade de ideogramas era grande. Chineses Budistas esculpiam em colunas de mármore textos sagrados em relevo. Depois de revestidos com tinta e envolvidos em papel, eram reproduzidos.

Na Europa, os primeiros livros foram impressos no século 15 por meio da xilografia. Por volta de 1430, o holandês Laurens Coster teria usado pela primeira vez tipos móveis e reutilizáveis. Mas foi em 1450 que Johannes Gutenberg, inspirado em histórias da China, desenvolveu tipos móveis de metal, letras em negro e sinais de pontuação eram agrupados manualmente em linha formando palavras e frases, fixados em caixilhos de madeira. As palavras eram separadas por tipos lisos que não imprimiam nada, resultando nos espaços em branco entre elas. Montada a página, passava-se tinta sobre o relevo, pressionando os caixilhos sobre o papel com uma prensa inspirada na de espremer uvas. A difusão foi imediata, era mais barato e rápido. A Bíblia foi o primeiro livro impresso por Gutenberg.

## UMA ESCRITA SEM FIM

O teclado de um computador deve ser, atualmente, o principal meio de produção de escrita. Ele tem a aparência de um teclado de uma máquina de escrever, instrumento que se popularizou no século XX, e pode estar fadado a tornar-se uma peça de museu. Nunca tantos recursos estiveram ao alcance da mão para escrever e manipular textos. Transformou o ato. Jornalistas e escritores trabalham na tela. Não tocam em papel até verem o resultado impresso. Com o desenvolvimento da tecnologia e o advento das novas mídias, ampliaram-se as formas de percepção da escrita. A leitura de um texto pode incorporar sons e imagens em movimento com maior facilidade, situação bastante incomum há menos de 20 anos. O CD-ROM (compact disc Read Only Memory) armazena o equivalente a 300 000 páginas de texto. Já existem livros eletrônicos e papel eletrônico, tão fino e flexível quanto a folha de papel, não desmontável e carregado em computador. Mas essa tecnologia não descartou a existência do material impresso. Inovou-se a forma de armazenamento da informação, mas a linguagem escrita continua sendo comunicada para o leitor e publicada em forma impressa. Resta saber se os homens do século XXI conseguirão superar a existência dessa informação e trabalhar unicamente com a tela digitalizada. Somente a experiência do futuro poderá responder quais serão os destinos da linguagem escrita.